



Homenagens e desafios, os *Riscos* do DocLisboa

Cinema

Luís Miguel Oliveira

A secção *Riscos*, criada em 2007, é uma das zonas de programação mais entusiasmantes do DocLisboa, que termina a 28 de Outubro

Território de descoberta mas também de reencontro: a secção *Riscos* do festival DocLisboa serve ainda como forma de acompanhar o trabalho recente de cineastas consagrados mas de difícil (ou inexistente) penetração no circuito comercial. Algo muito verdadeiro na edição deste ano, que surge dedicada à memória de três mortos recentes, Chris Marker (que morreu em Julho), Stephen Dwoskin (em Junho) e Marcel Hanoun (em Setembro), apresentando os últimos filmes destes dois últimos. O filme de Dwoskin, *Age is...* (passa hoje no Londres, às 16h15), é um portento de melancolia, em doçura e severidade, uma meditação sobre a velhice nos seus sinais físicos (os rostos, as rugas, a maneira de um corpo se mexer) e no seu lastro

memorial (irrupções de “arquivo”, a dor e o calor de um testemunho da juventude passada), com evidentes conotações políticas: eis a humanidade dos “improdutivos”, numa época onde é cada vez mais intenso o culto, frequentemente estúpido, da “juventude”. O filme de Hanoun, *Cello* (dia 25 na Culturgest) não pudemos ver, mas sabemos que o seu rosto de 82 anos é um protagonista, num filme que se anuncia como uma reflexão sobre a voz e a memória.

O cinema, ele próprio, é um tema caro a esta secção. E este ano encontramos vários filmes “sobre o cinema” ou “a partir do cinema”. Numa perspectiva histórico-didáctica, não se pode perder *Free Radicals*, de Pip Chodorov (hoje às 18.45 no Londres), evocação abundantemente documentada da tradição do cinema “experimental”, de Hans Richter ao grupo (Jonas Mekas, Peter Kubelka) por trás da fundação dos Anthology Film Archives, nova-iorquina catedral do experimentalismo e da vanguarda. Outros filmes, testemunhando a relação “carnívora” da margem com o *mainstream* de Hollywood, apropriam-se de imagens e lógicas do cinema narrativo comercial (clássico e contemporâneo) para com elas

construírem “outra coisa”: o curto *Hollywood Movie*, de Volker Schreiner (hoje, 18.45, Londres), que põe um texto de Nam June Paik na incauta boca de Bogart ou Vince Vaughn, é um exemplo divertido e teoricamente interventivo; assim como sonhador é *Meteor*, de Christoph Girardet e Matthias Muller (dias 23 e 27, na Culturgest), espécie de “poema sideral” construído pela *bricolage* de imagens de velhos filmes de ficção científica. Menção ainda a *A Story for the Modlins*, de Sérgio Oksman (dia 26 na Culturgest), “pseudobiografia” de um obscuro secundário, Elmer Modlin, do *Rosemary's Baby* de Polanski; e a *Emak Bakia Baita*, de Oskar Alegria (dia 26 na Culturgest), investigação nascida de um filme de Man Ray nos anos 20: o realizador vai à procura da casa filmada por Man Ray, nos arredores de Biarritz, no caminho encontrando e levantando uma série de temas (da morte ao riso). O universo português é representado por uma curta de João Pedro Rodrigues, *Manhã de Santo António* (26 e 28, Culturgest), e nas mesmas sessões pelo filme que o americano Thom Andersen rodou em Portugal, com centro na obra de Souto Moura, *Reconversão* (é sobre a arquitectura

de Souto Moura, mas também é Portugal 2012 visto por um californiano). Veremos também um par de filmes de Apichatpong Weerasethakul (hoje, 21.45, Londres), o pequeno ensaio *Ashes*, onírico e “fantasmático”, e *Mekong Hotel*, onde o retrato de um sítio específico convoca mitos e realidades, passado e presente da Tailândia, em puro estilo Apichatpong; o pequeno filme “português” (rodado em Lisboa) de um *habitué* do festival, Jean Claude Rousseau, *Saudade* (26 e 28, Culturgest e Londres), e o último Ben Rivers, *Two Years at the Sea* (23 e 25, S. Jorge), retrato de um eremita com uma banda sonora notável na sua *mise en scène* dos ruídos.

Finalmente, menção ao que parece um dos grandes filmes do festival, *Anders, Molussia*, do francês Nicolas Rey, adaptação parcial de um romance de Gunter Anders, saído directamente dos últimos anos de Weimar e com *clef* no então emergente nazismo, assustadora (para não dizer “actual”) abstracção sobre um fascismo que chega de mansinho, sem barulho de botas cardadas, filmada no mais arcaico dos suportes (o 16mm) - a 23 e a 27 na Culturgest, rigorosamente a não perder.



Mekong Hotel, onde o retrato de um sítio específico convoca mitos e realidades, passa hoje no DocLisboa